

Coisas da Política

Perigos de um rompimento entre Brasília e a Bahia

Há um início de incêndio nas relações entre o presidente Fernando Collor e o governador Antônio Carlos Magalhães que pede a presença de um bombeiro. É provável que, na próxima semana, o ministro Jorge Bornhausen inicie ação diplomática para afastar incômodos ruídos entre o presidente e o governador da Bahia. Há muita gente interessada em que a missão de Bornhausen dê errado para assegurar o apoio do governador do lado da oposição à política econômica do governo. Há muita intriga no ar mas, de outro lado, parece haver disposição dos dois lados de acabar com as divergências. Antônio Carlos garante que apenas deseja alertar o governo sobre os riscos de conviver com inflação no patamar de 20% durante muito tempo. Collor, por sua vez, quer apenas defender seu ministro da Economia de críticas ferozes em um momento delicado.

Collor e Antônio Carlos, é verdade, nunca foram íntimos. Já viveram várias crises, antes e depois das suas posses nos palácios do Planalto e de Ondina. O governador foi o crítico mais ácido do presidente no período da crise que antecedeu a reforma ministerial. E acabou saindo perante a sociedade com a imagem do homem que derrubou o Ministério. Collor não gostou desse resultado político porque, bem ao seu estilo, acha que não deve a ninguém a inspiração para desfazer e fazer ministérios. Foi tudo decisão sua, sem influências externas. Antônio Carlos jamais se vangloriou de ter derrubado o Ministério, mas levou a fama. Foi ele, afinal, que, com enorme sensibilidade política, comprou briga com o antigo Ministério inteiro ao pregar publicamente a necessidade de botá-los todos para fora do governo.

Há muita intriga de bastidores do poder em Brasília que instigam rompimento entre Collor e Antônio Carlos Magalhães. O script fica mais pesado com as recentes críticas do governador à política econômica do governo. O presidente, na última quarta-feira, mudou seu discurso na cerimônia de formatura da turma de diplomatas no Itamarati, só para incluir um parágrafo de inequívoco apoio ao ministro Marcílio Marques Moreira e defendê-lo das críticas do governador. Collor acha que a economia atravessa momento muito delicado para deixar seu ministro exposto a frituras. O presidente está convicto de que Marcílio pratica uma política correta. O combate à inflação exige muita paciência. Este, no entendimento do presidente, é o período da travessia. A austeridade monetária provoca a recessão e dá poucos resultados no combate à inflação. Só o tempo, ajudado por mudanças estruturais na economia, vai conseguir abaixar o patamar inflacionário. Collor acha que não deve pôr a perder todo o sacrifício feito até agora.

E é exatamente essa

confluência entre inflação e recessão que pode levar o governador Antônio Carlos Magalhães a tornar-se uma liderança oposicionista perigosa para o governo. Há muita gente à procura de um líder. Uma recente reunião na comportada Confederação Nacional da Indústria descambou para a pauleira em cima do governo, a tal ponto que foi preciso que seu presidente, o senador Albano Franco, promettesse levar informalmente ao governo a insatisfação do empresariado, para evitar o pior. Se não fosse essa saída diplomática, a diretoria da CNI estava disposta a disparar um poderoso petardo contra a política econômica. Neste cenário, as declarações do governador da Bahia crescem vigorosas no campo fértil dos empresários, trabalhadores e aposentados inconformados com a austeridade imposta pela área econômica.

É por isso que o ministro Bornhausen terá que entrar em campo rapidamente para evitar o pior: o rompimento entre o presidente e o governador. O governador parece propenso ao diálogo. Ele sabe que carrega uma enorme responsabilidade política. Ele pode, se quiser, inviabilizar Marcílio Marques Moreira mas sabe que correrá o risco de levar junto a estabilidade econômica do país, isto é, gerar uma crise de imprevisíveis consequências. É por isso que, na última quinta-feira, Antônio Carlos fazia questão de ressaltar que não está disposto a romper com o presidente Collor, mas apenas a alertá-lo de que não há como a sociedade suportar por tanto tempo inflação no patamar dos 20%. "Não quero derrubar nenhum ministro, quero apenas ajudar a derrubar a inflação", disse o governador ao **JORNAL DO BRASIL**.

Antônio Carlos não acha que esteja fazendo oposição quando pede medidas contra os atuais níveis de inflação. Ele quer que o ministro Marcílio Marques Moreira abra mais seu círculo decisório, buscando contribuição de outros setores do governo e da economia. Também está disposto a ajudar o governo a aprovar a reforma tributária e o ajuste fiscal, instrumentos, na opinião do ministro Marques Moreira, indispensáveis para acabar com a inflação. Antônio Carlos acredita que o governo deveria enviar logo esses projetos para o Congresso para aprová-los antes das eleições municipais, aproveitando toda a força atual dos partidos que o apóiam. O governador parece sincero quando oferece sua contribuição para aprovar mudanças na economia. Foi com o seu apoio, afinal, que o governo conseguiu 25 preciosos votos para aprovar a nova lei do salário mínimo. Assim, a missão diplomática do ministro Bornhausen não será apenas útil para evitar desavenças entre um presidente e governador, mas para garantir a estabilidade do país.

Etevaldo Dias